

O. da Veiga Ferreira

homenagem ao Homem, ao Arqueólogo e ao Professor



OEIRAS
2008

A OCUPAÇÃO DO NEOLÍTICO ANTIGO DO POVOADO DO CARRASCAL (LECEIA, OEIRAS)*

João Luís Cardoso¹, Carlos Tavares da Silva² & Joaquina Soares³

1. SITUAÇÃO GEOGRÁFICA, TRABALHOS REALIZADOS, PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS

O povoado pré-histórico do Carrascal localiza-se na encosta direita do vale da ribeira de Barcarena, em plataforma de pendor suave (Fig. 1), situada a meia altura, de onde se disfruta ampla vista para justante, abarcando o vale da ribeira de Barcarena, vislumbrando-se, ao longe, o estuário do Tejo.

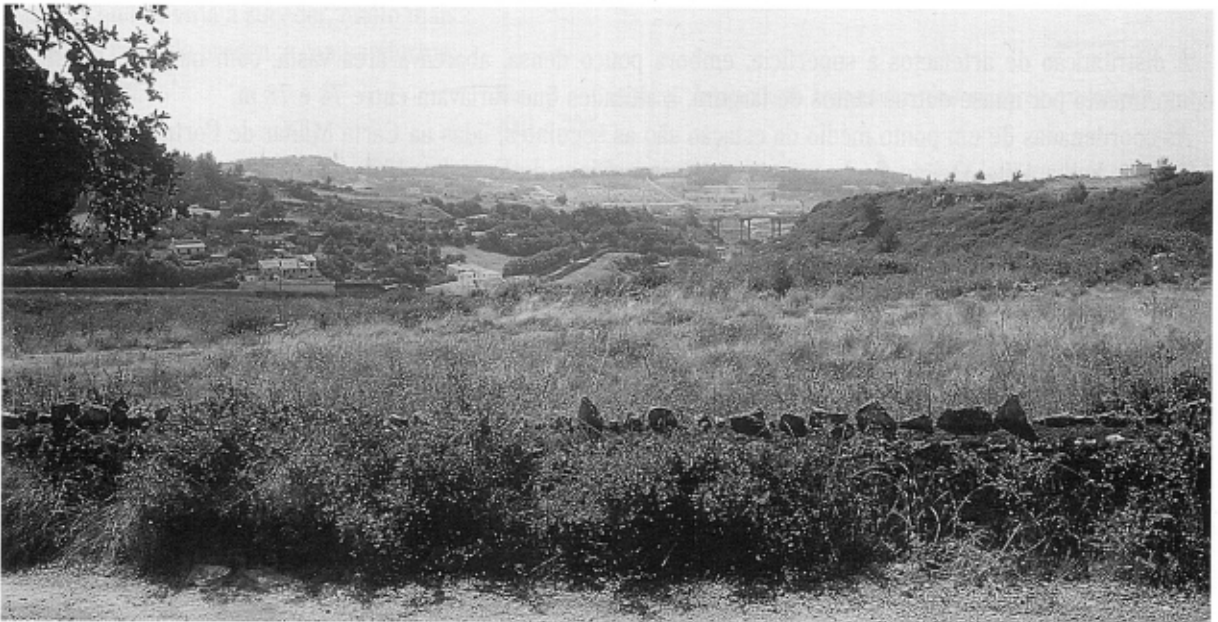


Fig. 1 – Vista da encosta do Carrascal, tirada para jusante, a partir do local onde se detectou a ocupação do Neolítico Antigo, em 2003. Em segundo plano, a área onde se efectuaram as sondagens em 2001 e em 2002, conducente à identificação de implantação do Neolítico Final.

* Fotos de J. L. Cardoso; desenhos de B. L. Ferreira.

¹ Professor Catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

² Director do Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal.

³ Directora do Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal.

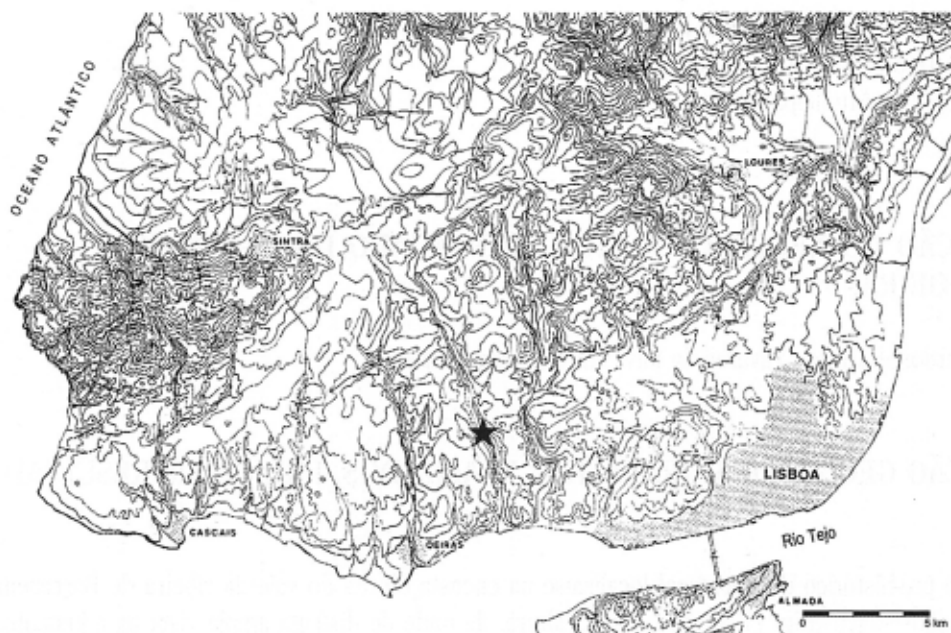


Fig. 2 – Carrascal. Localização geográfica na baixa península de Lisboa.

A distribuição de artefactos à superfície, embora pouco densa, abarcava área vasta, com mais de 100 m de comprimento por quase outros tantos de largura, a altitudes que variavam entre 74 e 78 m.

As coordenadas de um ponto médio da estação são as seguintes, lidas na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000, Folha 430 – Oeiras (Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército, 1970 (Fig. 2):

38 ° 43' 29'' Latitude Norte; 9° 16' 39'' Longitude Oeste.

A estação dista cerca de 250 m, em linha recta, da ribeira de Barcarena, sendo fácil o acesso a esta, e cerca de 500 m do povoado pré-histórico de Leceia, o qual se avista a partir da área mais oriental da estação.

A identificação do local como de interesse arqueológico deve-se a A. M. Monge Soares, que a comunicou ao primeiro signatário, confiando-lhe também o espólio arqueológico entretanto por si recolhido à superfície, o qual deu de imediato entrada no Centro de Estudos Arqueológico do Concelho de Oeiras. Tais materiais, a par dos reunidos ulteriormente, foram já publicados (CARDOSO, 1997/1998). No conjunto, a sua tipologia indica integração cultural no Neolítico Final, a que se juntam escassos fragmentos do Calcolítico, designadamente fragmentos de recipientes campaniformes decorados. Face ao interesse destes resultados, impunha-se a realização de escavações metódicas, tendo presente a área que a prospeccção superficial permitiu delimitar como de interesse arqueológico. Aquelas vieram de facto a realizar-se, iniciando-se em 2001, e prosseguindo depois, entre 2002 e 2005, ao abrigo de um Projecto de Investigação plurianual apoiado financeiramente pelo Instituto Português de Arqueologia, no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos e pela Câmara Municipal de Oeiras, dirigido pelo primeiro signatário, que se responsabilizou igualmente pela condução dos trabalhos de campo efectuados. Cumpre salientar a boa colaboração da Dr.^a Conceição André, no acompanhamento parcial dos mesmos, bem como de um conjunto de alunos de diversas Universidades, que, por esta via, nalguns casos, tiveram o seu primeiro contacto com trabalhos desta índole.

Nos dois primeiros anos de escavações, exploraram-se os sectores da estação assinalados na Fig. 3, confirmando-se a anterior atribuição cronológico-cultural, através da identificação de uma camada arqueológica não remexida, com materiais exclusivamente atribuíveis ao Neolítico Final, associados a estruturas de carácter habitacional; já na camada superficial, ocorriam alguns materiais campaniformes, os quais se vieram juntar aos anteriormente colhidos.

O elevado interesse científico da estação decorria, pois, da possibilidade se poder explorar em extensão o que se afigurava ser um vasto povoado aberto do Neolítico Final, com estratigrafia conservada, apesar da reduzida potência estratigráfica da mesma, integrando estruturas de combustão, configurando uma única ocupação arqueológica, a que se viria a suceder, muito mais tarde, a já referida presença campaniforme, muito ténue.

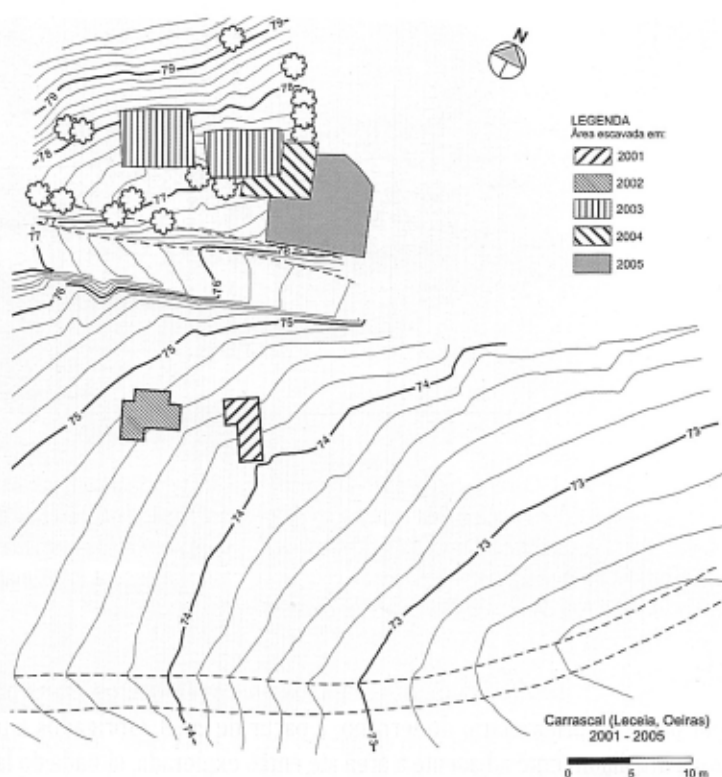


Fig. 3 - Carrascal. Implantação topográfica dos sectores explorados entre 2001 e 2005.



Fig. 4 - Carrascal. Vista parcial da área escavada em 2003, aproveitando pequena clareira na espessa cobertura arbórea de sobreiros, que deu nome ao local.

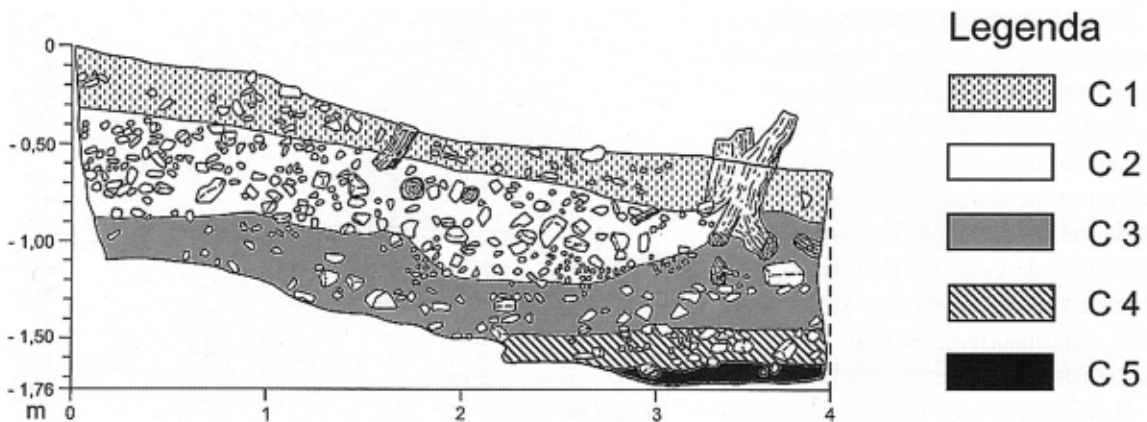


Fig. 5 – Carrascal. Corte estratigráfico observado no limite oriental do sector escavado em 2003. Legenda: 1 – Camada moderna, correspondente a desperdícios da exploração da pedreira situada no topo da encosta, constituída por estilhaços de calcário; 2 – Camada terrosa castanha com materiais calcolíticos; 3 – Camada terrosa castanha escura, com materiais do Neolítico Final, associável a estruturas arqueológicas; 4 – Camada compacta, castanha escura, com materiais do Neolítico Antigo; 5 – substrato geológico alterado, arenoso avermelhado (“terra rossa”).

Contudo, a perspectiva de prosseguimento dos trabalhos viu-se prejudicada pela não autorização dos mesmos, por parte do proprietário do terreno, a partir de 2003. Obrigados a procurar alternativa, foi seleccionada pequena zona imediatamente adjacente à área até então explorada, situada do lado norte de um caminho murado, delimitador da referida propriedade, a qual se encontrava abandonada de há muito, apresentando-se coberta por uma densa mata de sobreiros não explorados. A antiguidade desta estará na origem do topónimo de Carrascal, já registado em 1878 por Carlos Ribeiro, na monografia que dedicou ao povoado pré-histórico de Leceia (RIBEIRO, 1878, Est. II, Fig. 1). Aproveitando-se clareira formada pela vegetação (Fig. 4), os trabalhos puderam prosseguir em 2004 e em 2005, tendo-se confirmado o prolongamento do povoado pré-histórico até às escombrelas da pedreira abandonada existente no topo da escarpa natural, que coroa a encosta, no sector mais setentrional da área arqueológica, aqui já com declive acentuado (Fig. 3). Com efeito, tendo-se atravessado o depósito moderno relacionado com a referida exploração, constituído por gravilha compacta grosseira, atingiram-se depósitos arqueológicos calcolíticos e do Neolítico Final, confirmando os resultados obtidos em 2001 e em 2002.

No entanto, mais importante do que aquela confirmação, foi a identificação, em 2003, na base da sucessão estratigráfica, e no sector oriental da escavação efectuada naquele ano, de uma fina camada, assente no substrato geológico, imediatamente subjacente à do Neolítico Final (Fig. 5), contendo materiais do Neolítico Antigo (Fig. 6). A partir desta identificação, a escavação, em 2004 e 2005 prosseguiu, alargando-se segundo o desenvolvimento em profundidade da referida camada (Fig. 3), a qual, no final da campanha de 2005, foi dada como completamente explorada.

Como principais resultados relativos à exploração da camada coeva do Neolítico Antigo, importa salientar a identificação de um solo de ocupação, ainda com elementos *in loco*, como é o caso de um dormente de mó manual, de diversas estruturas de carácter habitacional, acompanhadas de notável conjunto de materiais arqueológicos, osteológicos e malacológicos, que serão objecto de estudo mais desenvolvido, a par do estudo dos espólios pertencentes às presenças humanas mais recentes.

Dada a importância desta descoberta no contexto regional importa dá-la desde já dar a conhecer, ainda que de forma preliminar, sendo a primeira vez que uma ocupação desta época, de interesse estratigráfico, se publica da região de Oeiras e de Cascais. Para tal, tomaram-se como prioritários os materiais primeiramente recolhidos, em 2003, sem prejuízo de os mesmos serem futuramente integrados em estudo mais desenvolvido.



Fig. 6 – Carrascal. Dois molares superiores de grande bovídeo, observados *in situ* na camada do Neolítico Antigo.

2. O ESPÓLIO EXUMADO EM 2003

A presente publicação destina-se a apresentar os resultados obtidos do estudo dos primeiros materiais do Neolítico Antigo do Carrascal, recolhidos na campanha de 2003; deste modo, não se podem considerar os resultados ora apresentados como definitivos, limitando-se, para além da sua própria caracterização adequada, a respectiva comparação apenas a algumas das escassas estações coevas comparáveis, já publicadas, especialmente as mais próximas. Reservar-se-á para outro trabalho, contendo a análise da totalidade do espólio exumado do Neolítico Antigo, incluindo o recolhido em 2004 e em 2005, a apresentação de comparações mais desenvolvidas, tendo presente as mais recentes descobertas na própria área urbana de Lisboa, ainda em estado preliminar de publicação (MURALHA & COSTA, 2006; VALERA, 2006).

2.1 – Indústria lítica de pedra lascada

2.1.1 – Técnicas de talhe

O sítio do Carrascal localiza-se em área particularmente rica em sílex, que ocorre em nódulos de coloração acinzentada existentes no seio dos calcários do Cretácico (Cenomaniano superior), de excelente qualidade; o sílex ocorre também sob a forma de delgados leitos interestratificados naquelas rochas, de coloração cinzenta ou negra, mas, neste último caso, é em geral de má qualidade, pouco propícia ao talhe.

A importância que detinha a exploração desta matéria-prima na própria região onde se situa a estação em apreço, nos tempos pré-históricos, é indicada pela existência de oficina de talhe do sílex, identificada no sítio de Barotas

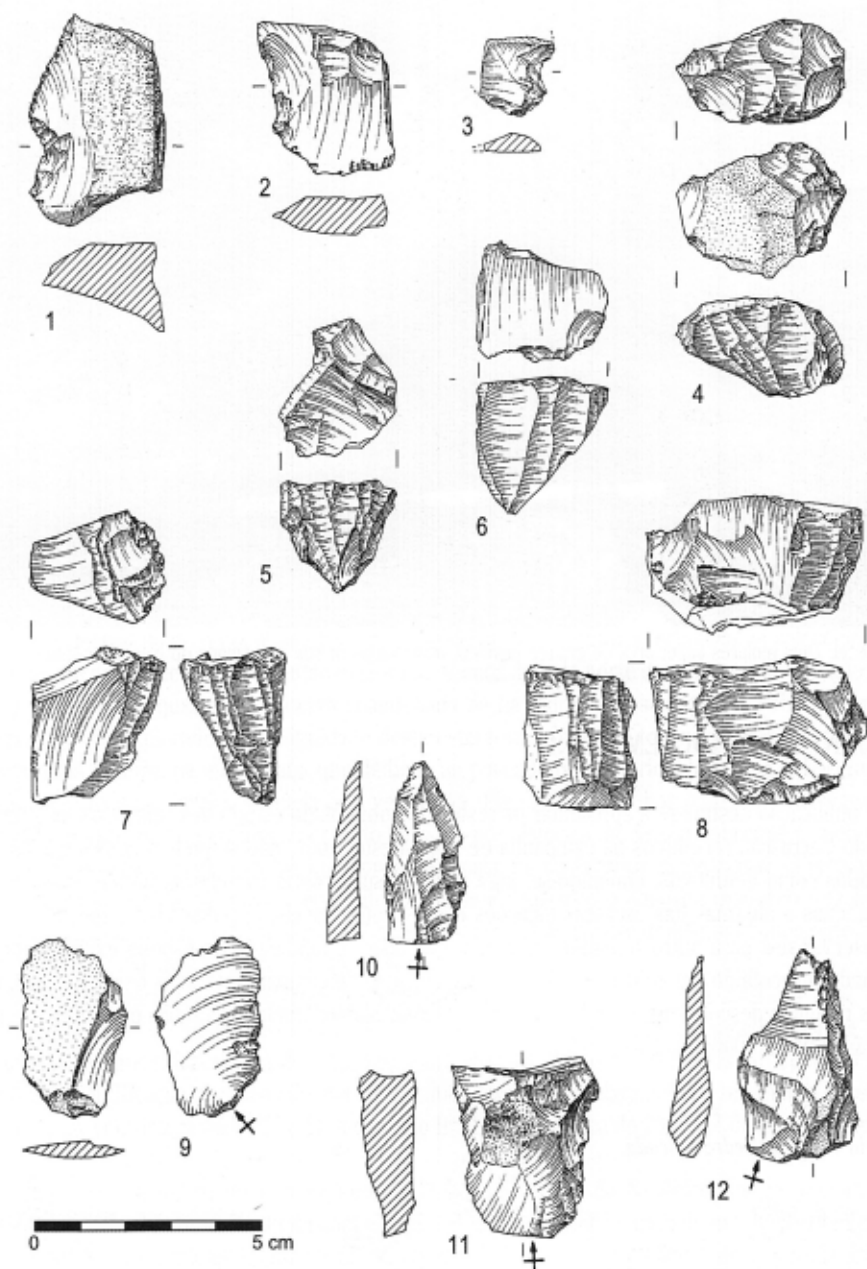


Fig. 7 - Carrascal. Indústrias de pedra lascada do Neolítico Antigo. 1 a 3 - entalhes; 4 a 8 - núcleos; 9 a 12 - lascas.

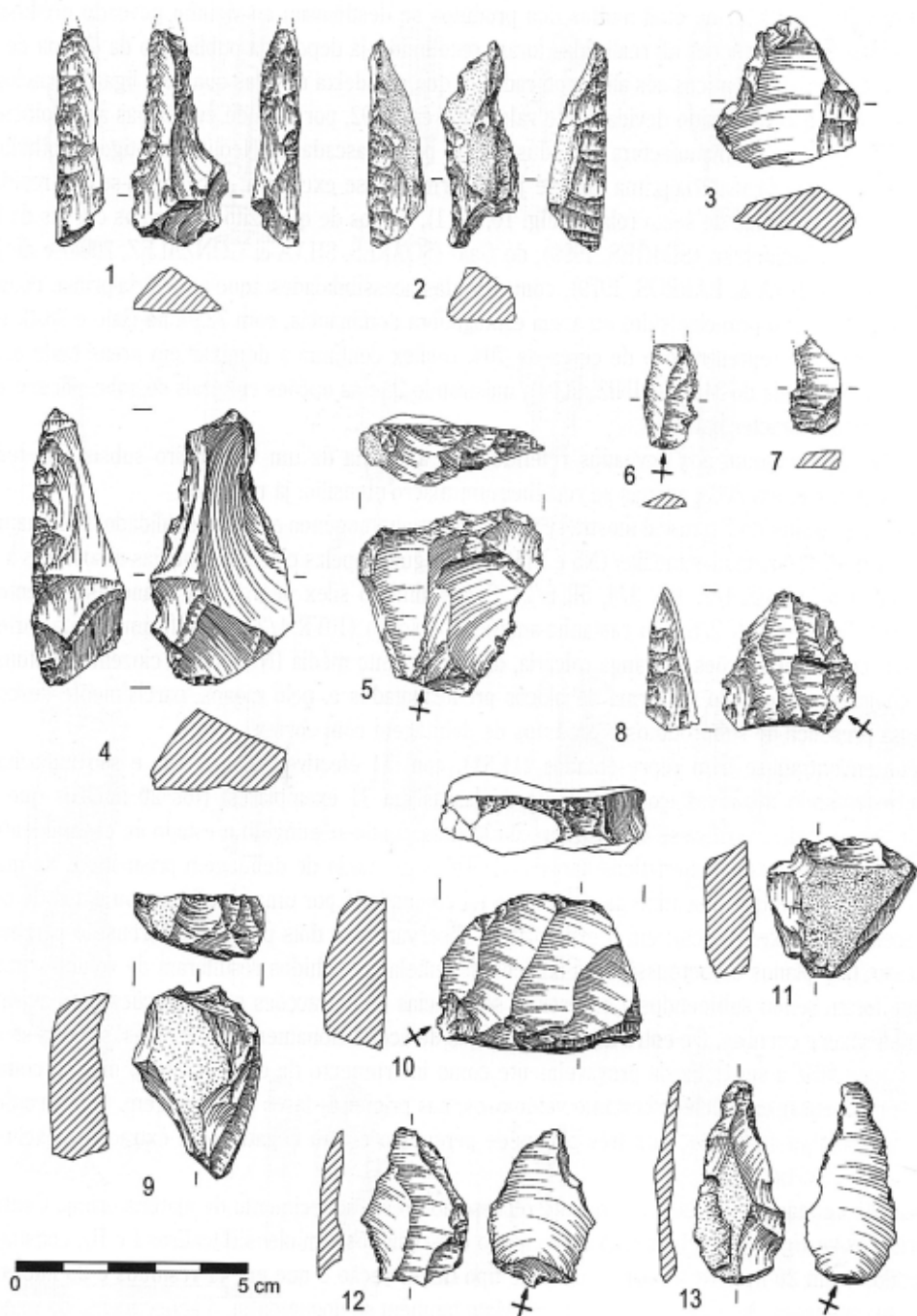


Fig. 8 - Carrascal. Indústrias de pedra lascada do Neolítico Antigo. 1, 2 - furadores; 3 a 8 - denticulados; 9 a 11 - raspadores; 12, 13 - peças atípicas.

(CARDOSO & COSTA, 1992), da qual muitos dos produtos se destinavam ao vizinho povoado pré-histórico de Leceia: com efeito, nas escavações ali realizadas foram recolhidos, já depois da publicação da oficina de Barotas, muitos núcleos de lâminas idênticos aos ali encontrados, o que não deixa dúvidas quanto à ligação funcional entre os dois sítios, a qual não tinha sido devidamente valorizada em 1992, por falta de evidências arqueológicas.

Como seria de esperar, na manufactura da indústria em pedra lascada do Neolítico Antigo recolhida no Carrascal, a utilização daquela matéria-prima fazia-se já de forma quase exclusiva; exceptuam-se um resíduo e um macro-raspador sobre metade de seixo rolado (Fig. 10, n.º 1), ambos de quartzito. Nos sítios coevos da Estremadura de S. Pedro de Canaferrim (SIMÕES, 1999), do Gaio (SOARES, SILVA & GONZALEZ, 2004) e de Fonte de Sesimbra (SOARES, SILVA & BARROS, 1979), com distintas acessibilidades àquela matéria-prima, constata-se o uso exclusivo do sílex (no primeiro sítio) ou a sua esmagadora dominância, com 72,9% no Gaio e 78,4% em Fonte de Sesimbra. Com uma representação de cerca de 70%, o sílex continua a dominar em áreas onde é exógeno, como no *habitat* de Valada do Mato (DINIZ, 2004), mostrando que as opções culturais se sobrepõem a eventuais constrangimentos de carácter natural.

Outro denominador comum aos povoados referidos é a ausência de um verdadeiro subsistema tecnológico expedito. No Carrascal, em 2003, apenas se recolheu um macro-utensílio, já referido.

O sílex utilizado no sítio do Carrascal mostra-se relativamente homogéneo e de boa qualidade. Dominam as cores cinzentas e cinzento-acastanhadas médias (N5 e 5YR 4/1), seguidas pelas cinzentas médias associadas a manchas cinzento-avermelhadas (10R 4/2, 10R 3/4, 5R 6/2). Surge ainda o sílex negro, com manchas cinzento escuras (N3) e vermelho escuras (5R 2/6) e o castanho-amarelado escuro (10YR 4/2). Identificámos uma variedade, de pior qualidade, com intercalações de ganga calcária, de cor cinzento média (N4 e N5) e cinzento azeitona. O sílex deverá ter chegado ao povoado na forma de blocos pré-formatados e, pelo menos, parcialmente descortçados, face à escassa presença de subprodutos e produtos de debitage com córtex.

Os núcleos encontram-se bem representados (11,5%), com 51 efectivos (Quadro I) e são maioritariamente irregulares, ostentando negativos exclusivamente de lascas em 31 exemplares. Nos 20 núcleos que possuem levantamentos de lamelas, verifica-se uma exploração intensa, tendo-se atingido o estado de esgotamento. Alguns destes núcleos mostram os característicos flancos canelados do modo de debitage prismático. Na maioria dos exemplares, observou-se que o sentido da debitage foi comandado por uma plataforma ou plano de percussão, em geral facetado (11 exemplares); em 8 exemplares, observaram-se dois planos de percussão perpendiculares e, em um caso, três planos de percussão. Os núcleos de lamelas recolhidos resultaram de volumes francamente maiores, que foram sendo submetidos a sucessivas sequências de extracções e a operações de reavivamento de flancos, plataformas e cornijas. De entre as diversas peças de acondicionamento de núcleos, salienta-se uma lâmina de crista (que viria a ser utilizada provavelmente como instrumento de corte) com 75 mm de comprimento. Esta permite-nos pensar em núcleos bastante volumosos, nas primeiras fases de debitage. O núcleo de maiores dimensões do conjunto analisado, com três planos de percussão e com negativos de extracções exclusivamente de lascas, possui 73x51x47 mm.

As técnicas de debitage revelam o frequente recurso ao prévio aquecimento da matéria-prima. Contabilizados os característicos vestígios daquela prática no conjunto dos resíduos e núcleos (Quadros I e II), constatou-se que em 64 resíduos e em 26 núcleos não existia aquele tipo de alteração e que em 41 resíduos e 25 núcleos (42,3%) era nítida a sua presença. No Gaio e em Valada do Mato também se documentou o aquecimento da matéria-prima previamente à debitage.

A observação das zonas proximais dos produtos alongados mostrou que os bolbos são em geral pouco salientes e mesmo difusos e os talões se repartem equilibradamente entre os tipos reduzido e facetado; os talões lisos possuem um carácter residual, com cerca de 5%. Assim, as técnicas de debitage mais utilizadas nas fases de extracção dos produtos alongados parecem ter sido a percussão indirecta e a pressão, associadas ao aquecimen-

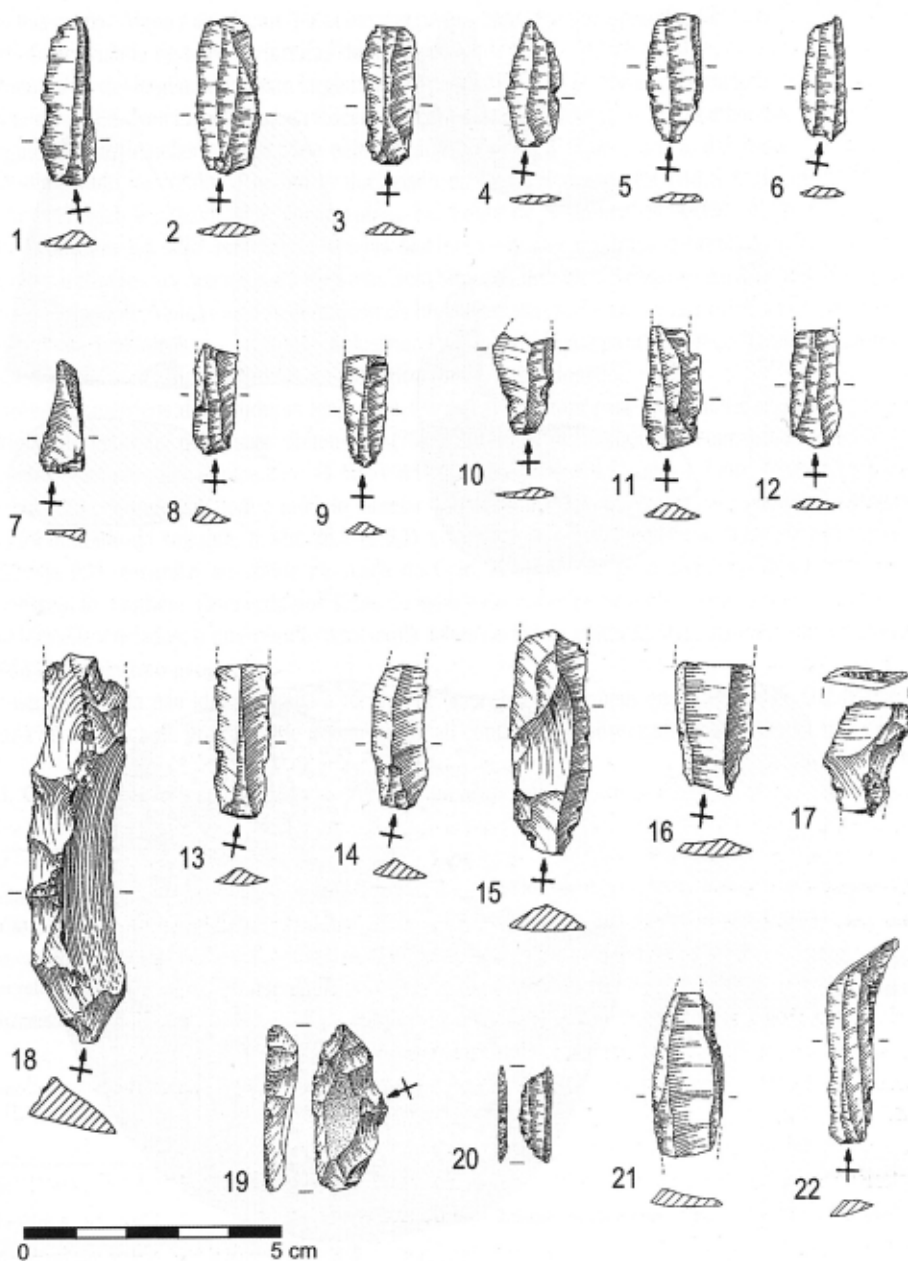


Fig. 9 - Carrascal. Indústrias de pedra lascada do Neolítico Antigo. 1 a 16, 18 - Lâminas e lamelas com vestígios de uso; 17 - truncatura; 19 - ponta de bordo abatido; 20 - geométrico (segmento); 21, 22 - peças com retoque simples, marginal e parcial.

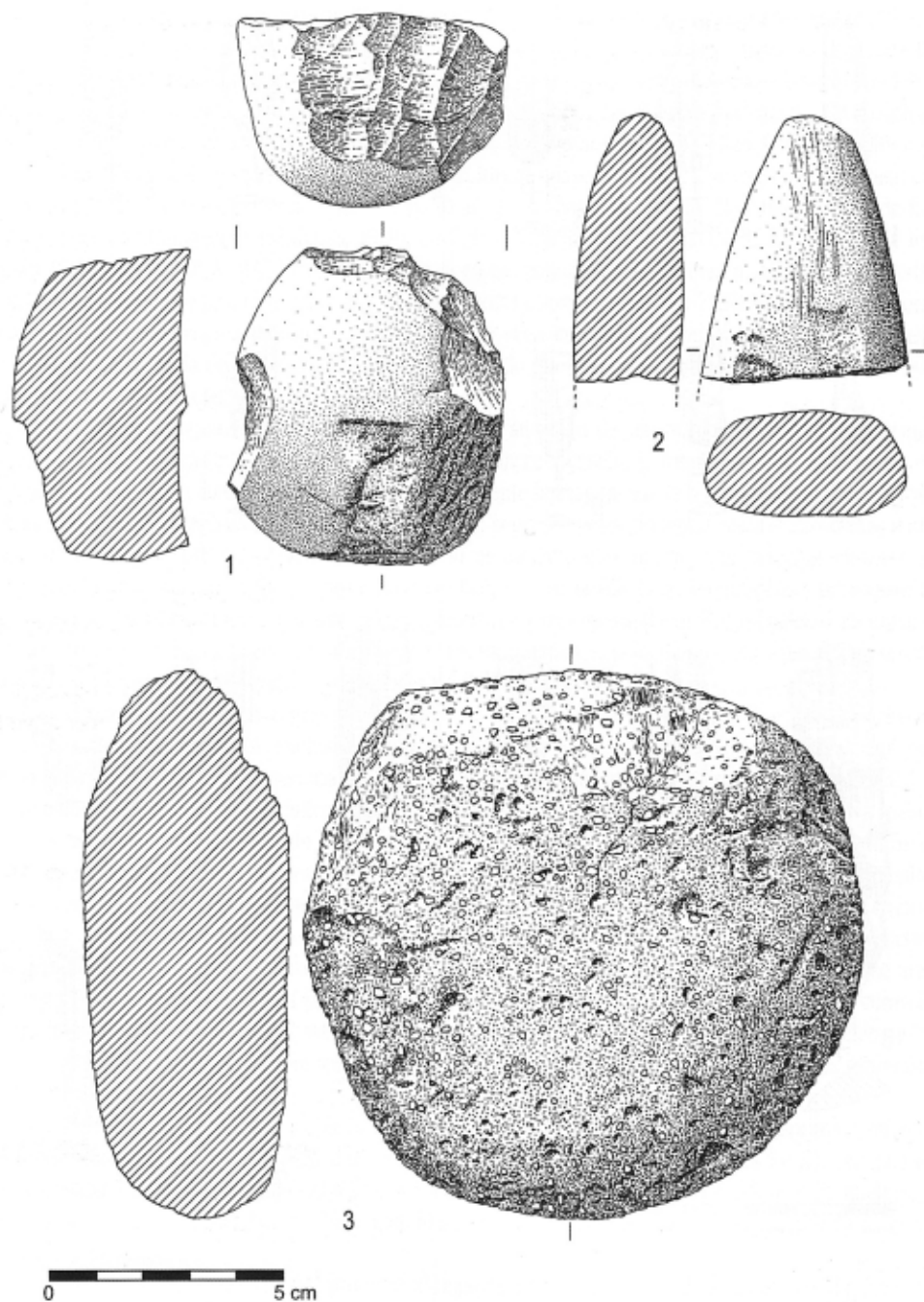


Fig. 10 - Carrascal. Indústrias líticas do Neolítico Antigo. 1 - macro-raspador sobre metade de seixo rolado; 2 - extremidade proximal de instrumento de pedra polida; 3 - elemento movente de mó.

to da matéria-prima. Alguns artefactos possuem alterações térmicas (estalamentos e covinhas) que reforçam a associação da actividade de talhe às lareiras domésticas.

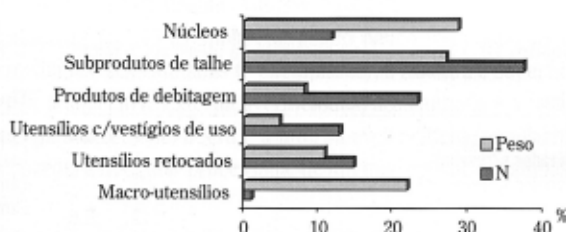
Nos produtos de debitação, dominam largamente as lascas (64,7%), seguidas pelas lamelas (27,5%) e pelas lâminas, apenas com 7,8%. Nos instrumentos retocados e com vestígios de uso, as lascas reforçam a sua posição, com 66,9%, seguidas pelas lamelas com 18,5% e pelas lâminas, com 8,1%. O predomínio das lascas sobre os produtos alongados observado no Neolítico antigo evolucionado da Costa Sudoeste (SOARES & SILVA, 1979) regista-se no sítio do Carrascal, e já havia sido documentado em Fonte de Sesimbra (SOARES, SILVA & BARROS, 1979, p. 50-51); no povoado do Gaio, embora as lamelas dominem entre os produtos de debitação, as lascas foram os suportes mais utilizados na manufactura de utensílios. Situação inversa foi descrita para os sítios de S. Pedro de Canaferrim e Valada do Mato, dotados de indústrias líticas lamelares. Perante estas evidências, importa procurar explicações quiçá funcionais, ao invés de exclusivamente cronológicas, para o desequilíbrio positivo da relação dos módulos lasca/lamela nos contextos do Neolítico Antigo evolucionado.

Os padrões tipométricos dos produtos longos do Carrascal mostram para as lâminas, exceptuando a de crista com vestígios de uso que, pelas suas dimensões (75x18x12 mm), se afasta completamente das restantes peças, comprimentos compreendidos entre 29 e 44 mm e a largura média de 14,5 mm \pm 1,9 mm. Estas lâminas estreitas estão em perfeita continuidade com o módulo lamelar, o qual, suportado por um número de registos relativamente amplo, foi definido do seguinte modo: 28,2 (\pm 6,1) x 9,4 (\pm 1,6) x 2,8 (\pm 0,9) mm. O índice de adelgaçamento médio, 0,31 (\pm 0,1), é similar ao obtido na jazida do Gaio. A opção por produtos lamelares curtos, estreitos e pouco espessos, foi também observada nos sítios do Gaio e de Fonte de Sesimbra, com graus de acessibilidade à matéria-prima diferenciados, o que remete para explicações de índole cultural, invalidando qualquer interpretação próxima do determinismo geográfico.

Na amostra estudada não identificámos a técnica do microburil. Também em S. Pedro de Canaferrim não foi identificada esta técnica de produção de geométricos, ao contrário do observado nos restantes sítios referidos.

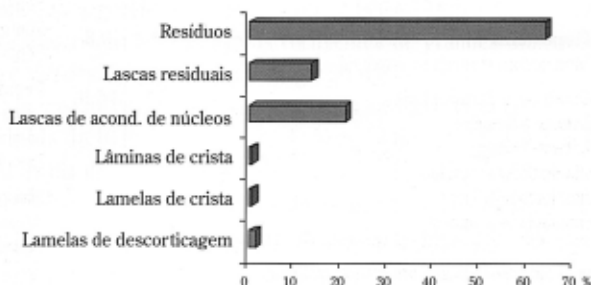
Quadro I. Carrascal. Indústria em pedra lascada. Principais categorias morfofuncionais

	N	%	Peso (gr.)	%
Núcleos	51	11,5	1307	28,4
Subprodutos de talhe	165	37,3	1230	26,7
Produtos de debitação	102	23,1	364,6	7,9
Utensílios c/ vestígios de uso	56	12,7	211,2	4,6
Utensílios retocados	64	14,5	490,6	10,7
Macro-utensílios	4	0,9	995,8	21,7
Total	442	100	4599,2	100



Quadro II. Carrascal. Indústria em pedra lascada. Subprodutos de talhe.

	N	%
Resíduos	105	63,6
Lascas residuais	22	13,3
Lascas de acondicionamento de núcleos	34	20,6
Lâminas de crista	1	0,6
Lamelas de crista	1	0,6
Lamelas de descorticação	2	1,2
Total	165	100



2.1.2 – Utensilagem

Considerados nos utensílios os produtos transformados pelo retoque e pelo uso efectivo, cujos estigmas mais frequentes são imputáveis à função de corte, obteve-se o Quadro III. A sua leitura permite observar uma razoável representação dos utensílios do chamado fundo comum e uma esmagadora maioria dos grupos tipológicos menos especializados (entalhes e denticulados e peças com retoque marginal). A elevada frequência das peças com vestígios de uso cria um evidente desequilíbrio, facto que talvez justificasse a sua diferenciação relativamente aos utensílios retocados.

O grupo tipológico dos geométricos encontra-se francamente mal representado, somente com um exemplar de segmento. Em nenhum dos sítios que temos vindo a comparar com o Carrascal se verifica tão débil frequência deste grupo, facto que por agora só podemos assinalar.

Finalmente, importa referir um conjunto de quatro utensílios nucleares (3,22% da totalidade da utensilagem), que têm em comum a escala macrolítica:

- *Raspador* sobre calote de seixo rolado de quartzito, cuja frente de raspador é definida por retoque abrupto e remontante, abrangendo toda a espessura do suporte. Conserva córtex em cerca de 50% do anverso. Dimensões: 66x59x37 mm (Fig. 10, nº. 1).
- *Percutores poliédrico-esferoidais*, representados por três exemplares em sílex, sendo em um deles bem nítida a origem em núcleo globuloso. Em todos os exemplares, anteriormente à utilização como percutores, responsável pela regularização das superfícies e pela criação de áreas mais ou menos extensas de massacramento do sílex, é perceptível a fase de conformação de um volume prismático ou subprismático. O desgaste subsequente das arestas e ângulos por efeito do uso como percutores não apaga totalmente a fase de redução do bloco através de lascagem. Esta preparação poderá ser, em alguns casos, direccionada, à partida, para a produção de percutores, mas também é possível admitir que estes utensílios nucleares derivem de uma reutilização de núcleos volumosos, precocemente abandonados, por hipótese devido à baixa qualidade da sua matéria-prima. Os exemplares completos possuem as dimensões de 65x53x52 mm e 66x55x34 mm e pesam, respectivamente, 324,2 g e 202,2 g.

Quadro III. Carrascal. Lista tipológica da utensilagem lítica.

Tipo	N	%	Tipo	N	%
Furadores	4	3,2	Peças c/ retoques simples, marginal e parcial	24	19,4
Furador s/resíduo	1		Lasca c/retoque simples, marginal e parcial	17	
Furador s/lasca	3		Lâmina com retoque simples, marginal e parcial	4	
Raspadores	7	5,6	Lamelas com retoque simples, marginal e parcial	3	
Raspador simples s/lasca	4		Geométricos	1	0,8
Raspador denticulado s/lasca	3		Segmento de círculo	1	
Peças de bordo abatido	1	0,8	Diversos	5	4,0
Lasca de bordo abatido parcial	1		Ponta atípica s/lasca	3	
Truncaturas	1	0,8	Ponta atípica s/lâmina	1	
Lâmina com truncatura proximal	1		Ponta atípica s/lamelas	1	
Entalhes e Denticulados	21	16,9	Peças c/vestígios de uso	56	45,2
Entalhe s/resíduo	1		Lasca c/vestígios de uso	36	
Entalhe s/lasca	7		Lâmina c/vestígios de uso	4	
Denticulado s/resíduo	2		Lamelas c/vestígios de uso	16	
Denticulado s/lasca	9		Macro-utensílios	4	3,2
Denticulado s/lamelas	2		Raspador s/calote de seixo rolado	1	
			Percutor poliédrico-esferoidal	3	
			Total	124	100

2.2 – Pedra polida e bojardada

Esta categoria tecnológica encontra-se presente através de três registos:

Fragmento proximal de instrumento em pedra polida de tipo indeterminado e de secção transversal ovalada, em anfíbolito (Fig. 10, n.º. 2);

Elemento movente de mó, sobre seixo ovalado, em rocha granitóide muito alterada, completo, com 119x114x48 mm. Peso: 858,6 g (Fig. 10, n.º. 3).

Elemento dormente de mó, sobre arenito esbranquiçado e poroso, recolhido *in loco*.

2.3 – Indústria em osso

Recolheu-se apenas um instrumento de osso: corresponde a um formão ou goiva, obtida pelo seccionamento oblíquo, através de polimento de uma diáfise de robusto osso longo, provavelmente tibia de ovino ou caprino (Fig. 11, n.º. 1), parcialmente endurecido pelo fogo.

2.4 – Cerâmica

Procedeu-se à análise de amostra de 76 fragmentos de cerâmica (40 com bordo, lisos ou decorados, e os restantes sem bordo, mas apresentando decoração e/ou possuindo elementos de prensão), pertencentes a diferentes recipientes.

À vista desarmada notam-se dois grupos de pasta: compacta, em geral com raros elementos não plásticos (e.n.p) superiores a 1 mm; pouco compacta, com abundantes e.n.p. superiores a 1mm (este último ocorre sobretudo nos recipientes de grandes dimensões).

Predominam os exemplares de superfícies avermelhadas/acastanhadas (Munsell 5YR 4/6, 5YR 5/6, 2.5YR 5/6, 2.5YR 4/8) e fractura com zona intermédia acinzentada/negra (42 exemplares), sendo pouco frequentes os que mostram a fractura e as superfícies totalmente avermelhadas/acastanhadas (8 exemplares); a fractura e superfícies completamente acinzentadas/negras (11 exemplares); a superfície externa avermelhada/acastanhada e a interna acinzentada/negra (7 exemplares); a superfície externa acinzentada/negra e a interna avermelhada/acastanhada (8 exemplares). Estas observações parecem indicar cozedura irregular processada, de um modo geral, em ambiente redutor com fase final ou de arrefecimento oxidante.

No que se refere à morfologia, este material cerâmico distribui-se por dois grandes grupos: o das taças em calote, de bordo simples, direito e com lábio convexo ou convexo-aplanado, cujo diâmetro chega a atingir 30cm; e o dos vasos esferoidais/ovóides de bordo direito e inclinado para o interior ou ligeiramente extrovertido (o que determina a formação de colo pouco pronunciado e perfil em S, muito característico), com lábio convexo, por vezes dissimétrico. A este último grupo morfológico pertencem alguns recipientes de grandes dimensões, decorados por cordões lisos e cuja espessura das paredes do bojo chega a atingir 30 mm.

A espessura da parede foi determinada em 73 fragmentos pertencentes a esferoidais/ovóides: varia entre 5 mm e 30 mm, sendo a média de 10,6 mm ($\pm 3,7$) e a moda de 10 mm. O diâmetro de boca, obtido em 20 exemplares, está compreendido entre 9 cm e 36 cm, sendo a média de 17,5 cm ($\pm 8,0$) e a moda de 12 cm.

Alguns recipientes possuíam meios de prensão e suspensão. Assim, 6 exemplares oferecem asas de perfuração horizontal. Uma delas, situada junto ao bordo de um vaso ovóide, teria possuído um mamilo no topo, presentemente fragmentado; uma outra tem dimensões consideráveis (base com 87mm de largura e 98mm de comprimento; altura

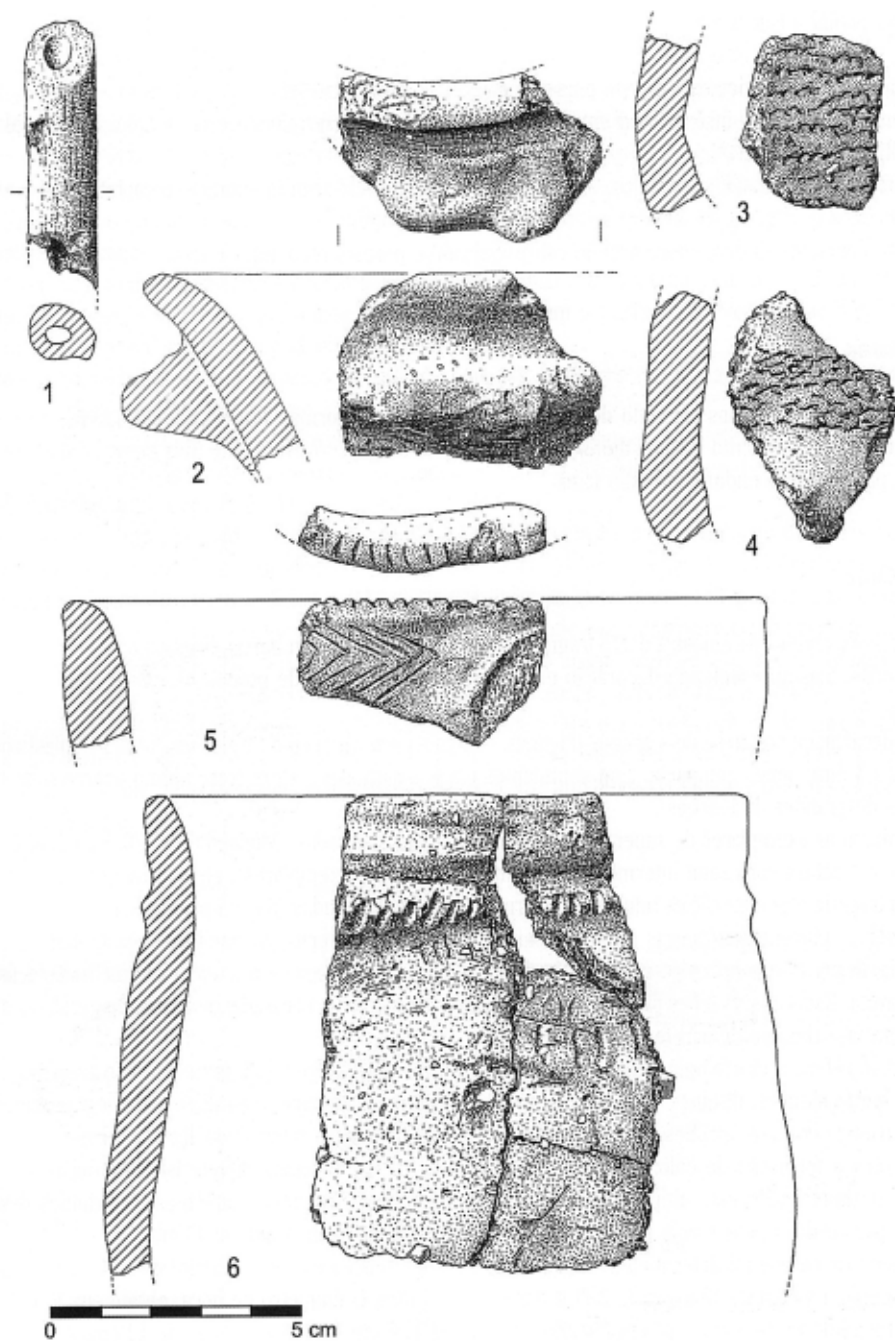


Fig. 11 - Carrascal. Indústria óssea e cerâmica do Neolítico Antigo. 1 - Formão ou goiva (bisel) sobre diáfise de osso longo de ovino ou caprino, endurecido pelo fogo; 2 a 6 - cerâmicas lisas e decoradas, impressas (3, 4, são cardiais) e incisas.

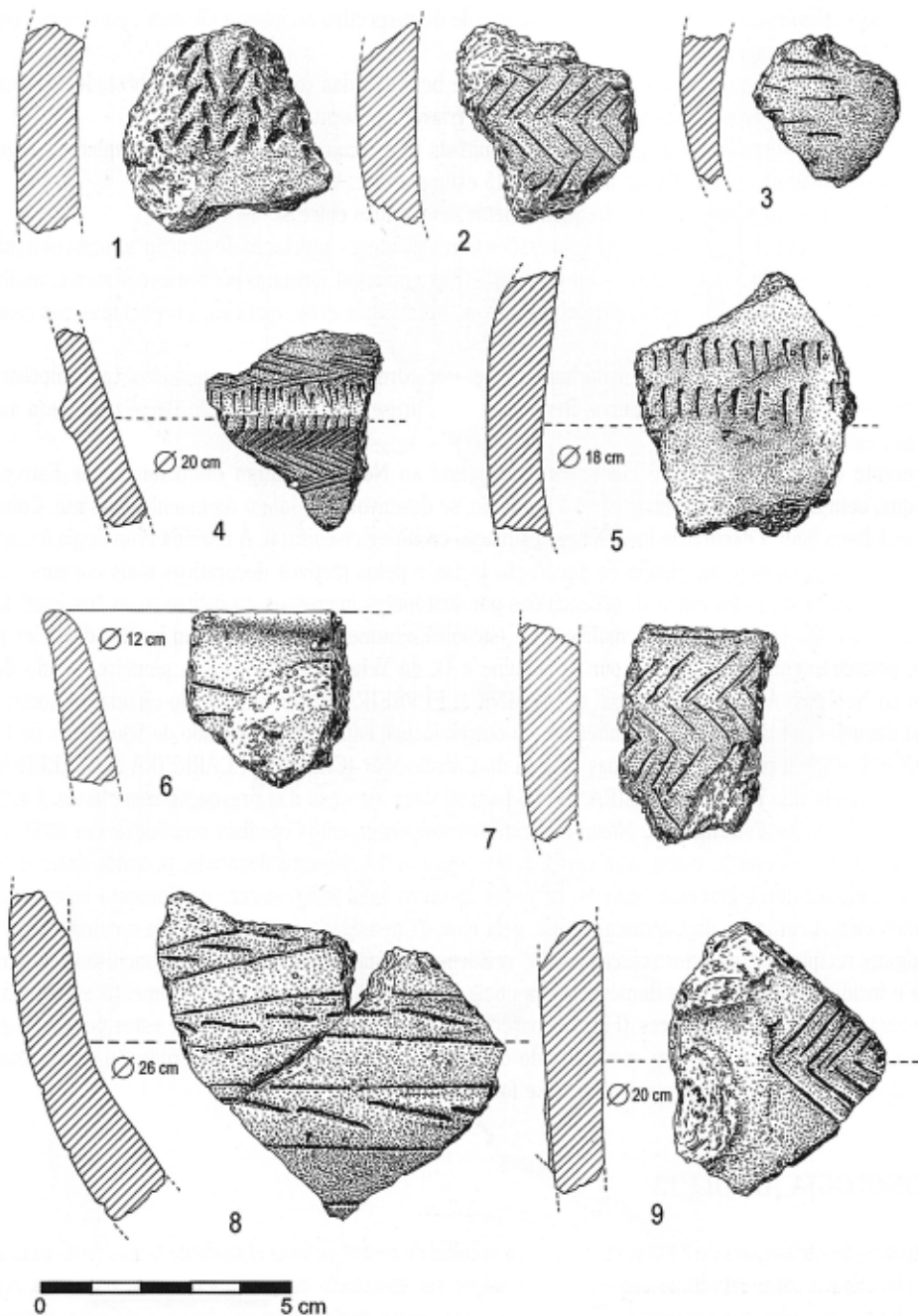


Fig. 12 - Carrascal. Indústria cerâmica do Neolítico Antigo. Cerâmicas decoradas incisas e com punção arrastado.

35 mm) o que, e atendendo também à espessura da parede do respectivo recipiente (20 mm), parece corresponder a contentor de grande capacidade.

As superfícies foram simplesmente alisadas, raramente bem alisadas (o que se nota sobretudo nos pequenos recipientes); nos exemplares de pasta menos compacta, friável, apresentam-se estaladas.

A decoração (48 exemplares, 19 com bordo) é dominada pela técnica da incisão (20 exemplares), seguida da plástica (18 exemplares), e, por fim, da impressão (15 exemplares).

As três técnicas encontram-se, muito frequentemente, associadas entre si.

As incisões, em geral a punção fino, e as impressões (em bastonete – utilização de punção actuado obliquamente – em *punto y raya* – apenas 1 exemplar – ou cardiais – 3 exemplares) formam, predominantemente, motivos em "espiga" e em bandas de linhas rectas paralelas entre si, horizontais e/ou verticais, preenchidas por bastonetes impressos ou incisos.

A decoração plástica é constituída, maioritariamente, por cordões lisos ou segmentados (por impressões ou incisões transversais); nos mamilos, menos frequentes, está presente o mamilo duplo (localizado junto ao bordo de um vaso esferoidal/ovóide).

O presente conjunto cerâmico é claramente reportável ao Neolítico Antigo evolucionado da Estremadura, período que, com início no último quartel do VI milénio, se desenvolve ao longo do milénio seguinte. Com efeito, quer a morfologia quer a decoração indicam essa situação cronológico-cultural. A referida cronologia é sustentada principalmente pela elevada incidência da decoração incisa e pelos motivos decorativos mais comuns – as bandas de linhas rectas paralelas entre si, preenchidas por bastonetes impressos ou incisos, e as "espigas" também impressas ou incisas (Fig. 12, n.º 1) – motivos que encontram numerosos paralelos em jazidas daquele período e região, primeiramente inventariadas por J. Guilaine e O. da Veiga Ferreira no seu pioneiro estudo de 1970, dedicado ao Neolítico Antigo em Portugal (GUILAINE & FERREIRA, 1970): trata-se do chamado "horizonte" da Furninha daqueles autores, depois reconhecido em outros locais, entre eles o povoado de São Pedro de Canaferim (SIMÕES, 1999) o povoado de Salemas e gruta do Correio-Mor (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1996) e o Abrigo Grande das Bocas (CARREIRA, 1994), para só citar algumas das presenças reportáveis a esta etapa cronológico-cultural na Estremadura. Neste contexto, os dois fragmentos cardiais recolhidos em 2003 (Fig. 11, n.º 3, 4) podem considerar-se como uma componente residual do conjunto decorado, podendo fazer dele parte integrante, a menos que sejam mais antigos, oriundos de outro local como sugere o rolamento neles patente.

Por outro lado, a cerâmica do Carrascal revela, pela elevada densidade na área escavada e considerável dimensão de alguns recipientes, carácter marcadamente residencial desta ocupação neolítica, conclusão reforçada pela natureza e incidência das espécies domésticas, as quais, como se disse não serão de momento estudadas.

A presença de grandes contentores (Fig. 13) parece denunciar, pelos excedentes que estes poderiam guardar, uma certa intensificação económica, resultante do desenvolvimento da economia de produção de alimentos que ao longo do Neolítico antigo progressivamente se foi fazendo sentir.

3. CRONOLOGIA ABSOLUTA

A campanha de escavações de 2003 proporcionou a recolha de restos de uma abundante fauna, tanto mamalógica, como malacológica, cujo estudo se considerou vantajoso ser efectuado conjuntamente com os restos recuperados nas duas campanhas subsequentes. Foi com base em restos ósseos que se obteve a primeira datação pelo radiocarbono, a qual foi comunicada ao primeiro signatário, a 17 de Janeiro de 2005, pelo Instituto Tecnológico e Nuclear, que agora se publica:

Sac-1949 – 6030 ± 60 BP.

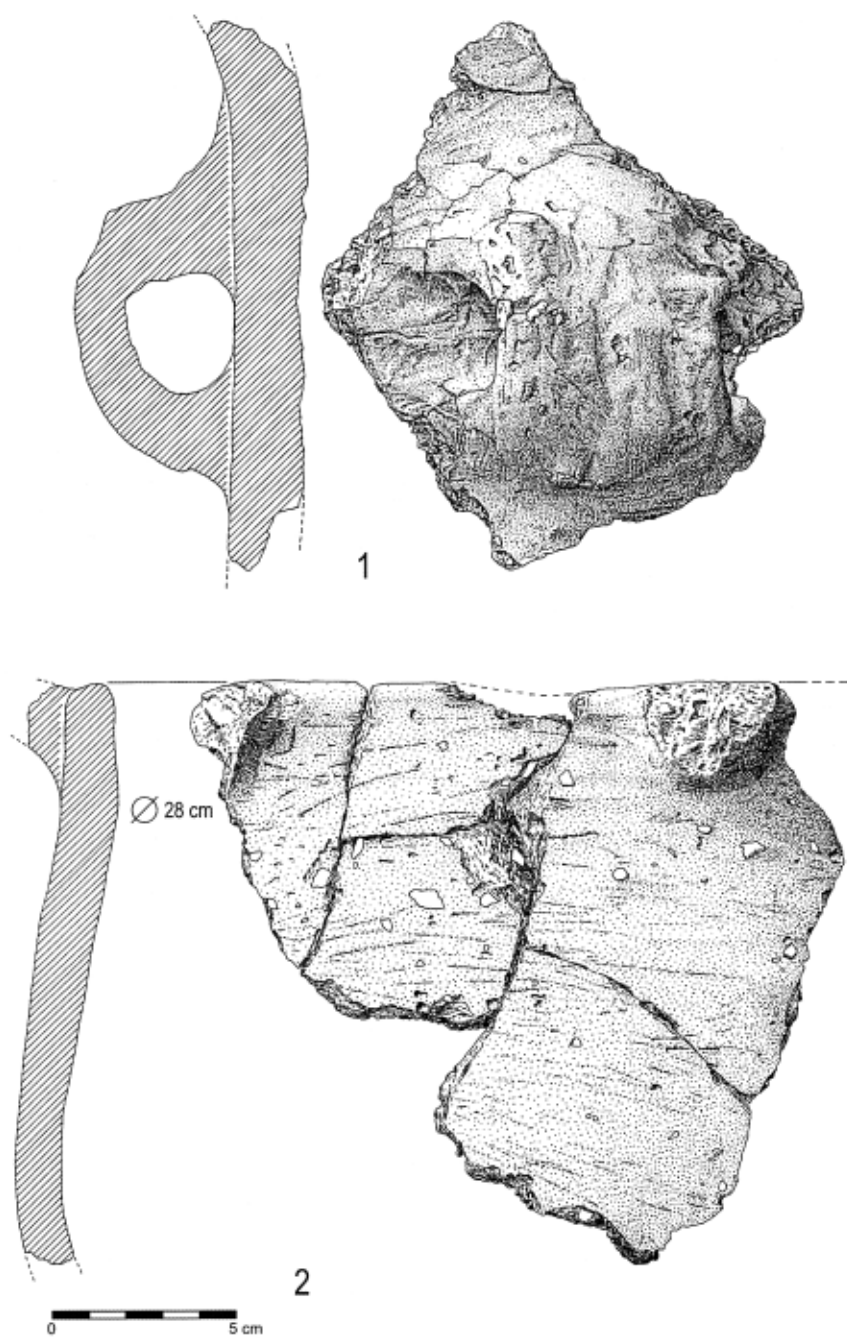


Fig. 13 - Carrascal. Indústria cerâmica do Neolítico Antigo. Fragmentos de grandes recipientes lisos ("vasos de provisões").

Esta data, calibrada pelo programa CALIB 4.4 (STUIVER & REIMER, 1993, *Radiocarbon*, 35, p. 213-230 e com base na curva de STUIVER *et al.*, (*Radiocarbon*, 40, p. 1041-1083) – INTCAL, conduziu aos seguintes intervalos:

Para 1 sigma: 4994-4842 cal BC; 4820-4809 cal BC;

Para 2 sigma: 5194-5182 cal BC; 5063-4775 cal BC; 4748-4737 cal BC.

Trata-se, pois de resultado esperado, condizente com a tipologia do material arqueológico, situando globalmente a ocupação em causa no decurso do primeiro quartel do V milénio a.C., podendo no entanto, remontar ao final do milénio anterior.

Duas datações ainda inéditas, obtidas ulteriormente no mesmo laboratório, igualmente sobre materiais osteológicos, recolhidos respectivamente em 2004 e em 2005, apontam para ocupação mais tardia, centrada no terceiro quartel do V milénio a.C., as quais não deixam de ser compatíveis com o Neolítico Antigo evolucionado da Estremadura. A explicação para a diferença verificada entre o resultado primeiramente obtido faces aos dois últimos, poderá residir no facto de a camada correspondente se ter formado, em parte, a partir de materiais eventualmente mais antigos, remobilizados de curta distância, como indica o ténue rolamento nos dois fragmentos de cerâmica cardial recolhidos. Nestes termos, seria de admitir duas presenças distintas, ambas do Neolítico Antigo, das quais a mais antiga integraria aquelas produções cerâmicas. Essa ocupação mais antiga situar-se-ia mais perto da área escavada em 2003, de acordo com o resultado cronométrico obtido, enquanto que as áreas exploradas em 2004 e em 2005, ainda que contíguas àquela, se caracterizariam por materiais predominantemente mais modernos, alguns dos quais resultantes da própria ocupação do referido espaço, embora também ali tivessem sido recolhidos diversos fragmentos de cerâmicas cardiais, curiosamente sem vestígios de rolamento.

Estas constatações sobre a dinâmica de formação do depósito do Neolítico Antigo, deverão, em futuro estudo a realizar, ser desenvolvidamente discutidas, a par dos resultados das datas de radiocarbono obtidas. Note-se, desde já, que estas correspondem à resultante das idades dos elementos individualmente considerados que constituíam cada amostra; deste modo, futuramente haverá que tentar a datação de elementos individuais, através do método por AMS, por forma a avaliar a importância de eventuais remeximentos e mistura de materiais por causas naturais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS PRELIMINARES

Do período de quase 500 anos em que se observou coexistência sem sobreposição territorial entre os grupos neolíticos de câmica predominantemente impressa (incluindo, naturalmente, a cardial) da Estremadura e os grupos mesolíticos do vale do Tejo, entre cerca de 5400 e cerca de 5000 anos a.C., evoluiu-se para outra realidade, em que as cerâmicas incisas se desenvolvem, situável entre finais do VI e abarcando todo o V milénio a.C. É nessa altura que, finalmente, se deverá ter produzido interacção entre as comunidades neolitizadas e as derradeiras comunidades mesolíticas sedeadas nos concheiros, conforme atestam as cerâmicas do Neolítico Antigo Evolucionado encontradas nas camadas superiores dos concheiros do vale do Tejo (FERREIRA, 1974), bem como nos concheiros do vale do Sado, de que é exemplo o concheiro do Cabeço do Pez (SANTOS, SOARES & SILVA, 1974). Resta, contudo, saber se não se trata de simples reocupações dos mesmos sítios, depois de intervalos de abandono mais ou menos longos.

Note-se que no concheiro das Amoreiras foram recolhidos, nas camadas basais, três fragmentos de cerâmicas cardiais (ARNAUD, 2002); as duas datas de radiocarbono obtidas para tal episódio, são estatisticamente idênticas, situando tal ocupação em torno de 5990 ± 75 anos BP, data que calibrada para 2 *sigma*, corresponde ao primeiro quartel do V milénio a.C.. Esta cronologia afigura-se, deste modo, condizente com a obtida para o Carrascal, onde,

em 2003, se recolheram também dois fragmentos cardiais, acima mencionados, mantendo-se contudo a dúvida de serem coevos ou mais antigos da generalidade das restantes peças decoradas, claramente reportáveis ao Neolítico Antigo evolucionado. Note-se, contudo, que nada inviabiliza no Carrascal a coexistência de cerâmicas cardiais, sempre representadas por número residual de elementos, com cerâmicas impressas e incisas, típicas do Neolítico Antigo evolucionado. É o caso, entre outros, dos sítios habitacionais do Gaio (Moita), do Casal da Cerca (Palmela) e da Salema (Santiago do Cacém)¹.

No Neolítico Antigo evolucionado, observa-se generalizada ocupação das grutas da Baixa Estremadura, cujo paradigma é a gruta da Furninha, Peniche, de onde provém magnífico vaso decorado, associado a outras cerâmicas decoradas em tudo idênticas às recolhidas no Carrascal que estão na origem do chamado "horizonte da Furninha", definido na primeira síntese dedicada ao Neolítico Antigo português e na qual já se postulava a existência de um Neolítico Antigo Cardial, antecedente do referido "horizonte" (GUILAINE & FERREIRA, 1970). Ao mesmo tempo, ocupavam-se territórios situados em zonas de portela ou de montanha, como o povoado de Salemas, Loures, que controlaria uma das passagens entre o domínio calcário e as terras baixas, de alta fertilidade, adjacentes do grande estuário do Tejo (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1996) e o povoado de São Pedro de Canaferim, em plena serra de Sintra (SIMÕES, 1999): a implantação destes dois sítios, entre outros, reflecte, provavelmente, a importância crescente da pastorícia na economia destas populações dos inícios do V milénio a.C. da região de Lisboa. O povoado de Salemas denuncia, tal como outros da mesma época conhecidos na zona do Arrife, Torres Novas (ZILHÃO & CARVALHO, 1996), a implantação em zona de ecótono: dali se poderia aceder às terras baixas, propícias à agricultura, e por outro, ao domínio mais pedregoso e montanhoso, potencialmente aproveitado para a pastorícia.

As terras baixas confinavam, a sul e a oriente, com o estuário do Tejo, cujos afluentes da margem norte propiciariam, na confluência com aquele, importantes esteiros penetrados por água salobra, muito ricos em recursos facilmente recolectados. É o caso da estação do Carrascal, a partir da qual se poderia aceder à ribeira de Barcarena, em cerca de 10 minutos de marcha, em sítio que dista actualmente cerca de 3 km da confluência com o grande estuário, na altura ainda mais largo devido à ausência de assoreamento dos cursos de água e ao movimento transgressivo flandriano, então ainda em curso. Esta situação fazia com que o curso inferior da ribeira de Barcarena, até secção próxima da estação, correspondesse a uma enseada, onde a água salgada penetraria, especialmente na maré alta, constituindo um paleo-estuário adjacente do estuário do Tejo (Fig. 14). Tal realidade explica a importância do consumo de um dos moluscos que então ali proliferavam, a ostra (*Ostrea edulis*, L.), espécie que bem atesta a relação directa dos ocupantes do Carrascal com a exploração dos recursos aquáticos mais próximos.



Fig. 14 - Foto de maqueta à escala original de 1/2000, com sobrelevação de 2,5 vezes, reproduzindo o vale da ribeira de Barcarena no decurso do máximo transgressivo flandriano. A localização da estação do Carrascal indica-se com um asterisco.

¹ Note-se que, em alguns contextos coevos dos que possuem cerâmicas cardiais, como o do Correio-Mor, estas não ocorrem (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1996; CARDOSO, 2006).

Realidade análoga foi recentemente comprovada na própria cidade de Lisboa. Na Encosta de Sant'Ana, junto do Martim Moniz, e no Palácio dos Lumiares, no Bairro Alto, a tipologia das cerâmicas recolhidas sugere uma fase adiantada do Neolítico Antigo evolucionado, comprovada pelas datas radiométricas disponíveis, senão mesmo já do Neolítico Médio, abarcando o período da segunda metade do V milénio – primeiro quartel do IV milénio a.C. (CARVALHO, 2005; MURALHA & COSTA, 2006; VALERA, 2007). A economia então vigente nestes dois sítios, baseada fortemente na recolocção de moluscos no estuário do Tejo – a que se soma, agora, a estação do Carrascal, embora nesta o consumo de mamíferos fosse, por certo, a base alimentar mais importante – tem equivalente, na margem oposta do estuário, entre outros, no sítio do Gaio, junto à linha de água actual, no concelho da Moita (SOARES; SILVA & GONZALEZ, 2004); e outros sítios existirão, ainda por descobrir, ou entretanto recobertos, tanto por sedimentos litorais, como pela crescente urbanização da área metropolitana de Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, J. M. (2002) – O Mesolítico e o processo de neolitização: passado, presente e futuro. *Arqueologia e História*. Lisboa. 54, p. 57-78.
- CARDOSO, J. & COSTA, J. L. B. (1992) – Estação pré-histórica de Barotas (Oeiras). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, p. 229-245.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998) – Povoado do Neolítico Final do Carrascal, Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 25-33.
- CARDOSO, J. L. (2006) – *Lisboa e Extremadura. A Pré-História recente e a Proto-História*. Tomar: CEIPHAR (Arkeos, 20).
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R.; FERREIRA, O. da Veiga (1996) – Novos elementos para o estudo do Neolítico antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 9-26.
- CARREIRA, J. R. (1994) – A Pré-história recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 47-144.
- CARVALHO, A. F. (2005) – As mais antigas sociedades camponesas da península de Lisboa (c. 5200-4500 cal BC). In V. S. GONÇALVES, ed., *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 33-43.
- DINIZ, M. (1994) – *Acerca das cerâmicas do Neolítico antigo da Gruta da Furninha (Peniche) e da problemática da neolitização do Centro/Sul de Portugal*. Trabalho apresentado no âmbito das provas de aptidão pedagógica e capacidade científica à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- DINIS, M., 2004 – *O sítio da Valada do Mato (Évora). Aspectos da neolitização no interior sul de Portugal*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- GUILAINE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1970) – Le Néolithique ancien au Portugal. *Bulletin de la Société préhistorique française*. Paris. 67 (1), p. 322.
- MURALHA, J. & COSTA, C. (2006) – A ocupação neolítica da encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). *IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica* (Faro, 2004). Actas. Faro: Universidade do Algarve, p. 157-169.
- RIBEIRO, C. (1878) – *Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos. I – Notícia da estação humana de Licêa*. Memoria apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa. Lisboa: Typographia da Academia.

- SANTOS, M. Farinha dos; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1974) – O concheiro epipaleolítico do Cabeço do Pez (vale do Sado, Torrão). Primeira notícia. *III Congresso nacional de Arqueologia* (Porto, 1973). Actas. Porto: Junta Nacional da Educação, p. 173-189.
- SILVA, C. Tavares da (1997) – O Neolítico antigo e as origens do Megalitismo no Sul de Portugal. In A. Rodriguez Casal (ed.), *O Neolítico Atlântico e as orixes do Megalitismo*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, p. 575-585.
- SIMÕES, T. (1999) – *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra. Contribuições para o estudo da neolitização da península de Lisboa*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*, 12).
- SOARES, J.; SILVA C. Tavares da & BARROS, L., 1979 – Identificação de uma jazida neolítica em Fonte de Sesimbra (Santana, Sesimbra). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5, p. 47-65.
- SOARES, J.; SILVA, C. Tavares da & GONZALEZ, A. (2004) – Gaio: um sítio do Neolítico Antigo do estuário do Tejo. I Jornadas de História e Património Local. Actas. Moita: Câmara Municipal da Moita, p. 37-59.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (2000) – Protomegalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas. In V.S. Gonçalves (ed.), *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*, 16).
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da, 1979 – Alguns aspectos do Neolítico antigo do Alentejo Litoral. *Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e Calcolítico em Portugal*. Porto: GEAP, p. 9-52.
- VALERA, A. C. (2006) – O Neolítico da desembocadura do paleo-estuário do Tejo: dados preliminares do Palácio dos Lumiares (Bairro Alto, Lisboa). *Era-Arqueologia*. Lisboa. 7, p. 86-108.
- ZILHÃO, J. & CARVALHO, A. F. (1996) – O Neolítico do maciço Calcário Estremenho: crono-estratigrafia e povoamento. *Congrés del Neolític a la Península Ibérica*. Actas. Gavà: Museo de Gavà, 2, p. 659-672 (*Rubricatum*, 1).